

JUROS AUMENTAM MEDO DO CALOTE

A preocupação com a moratória da dívida interna é, na avaliação de bancos e investidores estrangeiros, mais um motivo que pode retardar a recuperação do Brasil. "Com a alta dos juros e a desvalorização do real, o débito deverá atingir R\$ 450 bilhões neste ano", estima Carl Ross, diretor de pesquisas para mercados emergentes da Bear Stearns. "Em 1994, a dívida era igual a 29% do Produto Interno Bruto (PIB). Em 1999, poderá subir para 50% do PIB", adverte. Desde 1994, a dívida externa privada aumentou de US\$ 50 bilhões para US\$ 140 bilhões e boa parcela foi contraída para financiar o déficit público.

Os recursos eram captados por bancos e empresas brasileiras no exterior e utilizados na compra de títulos públicos. Quem realizou essa operação ganhou muito dinheiro, porque os papéis do governo pagavam juros bem mais altos do que o custo dos financiamentos externos. Em Wall Street, há um consenso, sem fundamento, de que a dívida interna do Brasil está prestes a explodir. "Não há outra saída para o país senão renegociar o débito", diz Ross.

Entre dezembro de 1994 e dezembro de 1998, a dívida pública passou de R\$ 61,7 bilhões para R\$ 323 bilhões e a causa principal foi o aumento das despesas com juros. A nova puxada nas taxas no início do ano, combinada com a desvalorização do real, terá efeito devastador sobre a dívida. Do estoque de títulos, 21% estão indexados à variação do dólar e 64% são pós-fixados, com remuneração na data do vencimento.

Para Roberto Setúbal, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), não há chance do calote da dívida interna ocorrer. Segundo levantamento do Citibank, em julho de 1998, a dívida estava assim distribuída: 60,4% com instituições financeiras (bancos, fundos de pensão); 27,9% com fundos de investimento; 11,2% com empresas e 0,6% com pessoas físicas. (RL)